

TEORIAS E POLÍTICAS DA CULTURA: VISÕES MULTIDISCIPLINARES

Maria Caroline TROVO¹

Teorias e Políticas da Cultura: visões multidisciplinares é o volume inaugural da Coleção Cult, organizada pelo Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (CULT) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), centro acadêmico que vem se destacando no contexto dos estudos voltados sobre o não incipiente, porém ainda carente de reflexões, tema das políticas culturais. Para quem não teve o livro em mãos observamos que este é constituído por quinze artigos, de diferentes autores, que abarcam uma ampla gama de abordagens da **cultura**. Abrangendo desde refinadas reflexões teóricas sobre conceitos comumente indissociáveis do de cultura – como os de identidade, preservação e tradição cultural – até o profícuo mapeamento da trajetória de tal conceito na UNESCO e o estudo da configuração da noção de autoria à época da veiculação em massa dos produtos culturais, *Teorias e Políticas da Cultura: visões multidisciplinares* cerceia a noção mais intangível de política cultural. Com isso, abandonamos por aqui a tarefa de nomear cada uma das reflexões sobre a cultura presentes no livro. Nosso objetivo não é, certamente, o de realizarmos um *pouporri* dos estudos contidos no livro – todos eles fundamentais, sem dúvida – mas o de nos aproximarmos o máximo possível do conceito de política cultural, o qual têm em vista, de maneiras mais ou menos diretas, a maioria dos artigos reunidos na publicação do CULT. De saída, certificamos que a opção pelo plural, marcante no título do livro, não é gratuita e nem ingênua, mas sim denotativa de uma tomada de posição teórico-política.

No que diz respeito a olhar nos olhos da Medusa, destaca-se o artigo “Políticas Culturais: entre o possível e o impossível”, de Antônio Albino Canelas Rubim, pela sua tentativa de delimitação do cobiçado conceito. Ora, tal delimitação é mediada por aquela do, por assim dizer, campo de ação das políticas culturais, pela definição de seu “território de pertença”. Com isto, o autor demonstra sua preocupação com a institucionalização das políticas culturais enquanto um campo *específico* das ciências humanas, ao mesmo tempo em que constrói um modelo analítico da atuação

¹ Doutoranda em Sociologia. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 – kroltrovo@bol.com.br

delas na esfera social (um modelo deste tipo constitui-se, *pari passu*, como modelo programático para as políticas culturais). Partindo da impossibilidade de se pensar a cultura na sociedade contemporânea como esfera apartada das demais, ou seja, como dotada de autonomia [ainda que relativa] e de sua conseqüente interface com as demais esferas, o autor aponta o fenômeno da *mercantilização da cultura* (o qual, infelizmente, já não escandaliza nem mesmo aos mais puritanos) e o da *culturalização da política* (compreendida como a ocupação da política com temas de teor cultural, como as políticas de reconhecimento de gênero e raça), ambos denotativos da atual configuração social da cultura. Na sociedade contemporânea, esta possui um caráter ubíquo, quase onipresente. Com isso, o autor estabelece como norma para as políticas culturais a necessidade de se ter em mente o caráter transversal da cultura, o qual a coloca em conexão com outras esferas societárias e amplia, portanto, o universo social que deve integrar o horizonte das políticas culturais.

Com isso, adentramos no modelo analítico proposto por Rubim. Além da necessidade de se considerar a dilatação da esfera da cultura, o autor propõe ainda para as políticas culturais os seguintes parâmetros analíticos: definição da noção de política implicada; definição da noção de cultura subjacente às propostas; investigação acerca da relação entre as formulações e as práticas efetivadas, a fim de se verificar possíveis contradições; definição clara dos objetivos a serem alcançados, os quais possibilitam o entendimento da concepção de mundo que mobiliza a política cultural em questão; definição dos agentes envolvidos, daqueles que dão ensejo ao seu desenvolvimento; delimitação do(s) público(s) que se pretende alcançar e determinação dos meios e recursos a serem acionados no processo. Não obstante a dificuldade já posta até então, Rubim propõe ainda que se devota atenção aos diferentes momentos do movimento cultural, aos quais se “complementam e dinamizam a vida cultural” (NUSSBAUMER, 2007, p.153). Neste sentido, o autor elenca os processos de criação e circulação dos produtos culturais, assim como os referentes à constituição de públicos e à análise da relação que estes estabelecem com a cultura. Além destes, os da conservação, preservação, organização, legislação, gestão e produção da cultura aparecem como constituintes do sistema cultural como um todo. De acordo com Rubim, da ênfase a determinados momentos deste processo e das conexões que se estabelecem entre eles emerge o *caráter* das políticas culturais, suas especificidades e configurações específicas.

Definindo como objetivo último das políticas culturais o desenvolvimento de uma *cultura política*, tida como intrínseca ao exercício da cidadania, o autor coloca assim, em primeiro plano, a relação entre cultura e política. Tal relação é marcada por uma tensão pela qual é responsável, em grande medida, a dimensão normativa inerente à política. A relação entre ambas não deve, pois, desembocar na despolitização completa da cultura ou no “enforcamento” desta pela política (ou,

ainda, na apropriação historicamente catastrófica da cultura pela política, na chamada *estetização da política*). Se, de acordo com as formulações do autor, “fazer cultura é combater sempre nas fronteiras do impossível” e “fazer política é expandir sempre as fronteiras do possível”, ambas parecem apontar na mesma direção, qual seja, a da criação do que ainda não existe ou, melhor dizendo, daquilo que existe apenas como potência. Com isto, depreende-se que é também da relação equilibrada entre as esferas que pode advir uma política cultural que leve à conformação da cultura política - tal como a concebe o autor - aquela que, por seu caráter, tende a fundir as duas esferas.

Por seu turno, o artigo de Isaura Botelho, “Políticas Culturais: Discutindo Pressupostos”, também clarifica sobremaneira - ainda que por outro viés - a relação entre política e cultura. De acordo com a autora, cabe às políticas culturais o estímulo à participação ativa do público na cultura, de modo que este se converta em produtor cultural. Dando voz aos termos da autora, temos que políticas culturais deste naipe primam pela *democracia cultural*. Ainda que, na prática, seja difícil discernir os limites de uma e de outra, tais políticas se encontram em relação de antagonismo com aquelas do primado da *democratização cultural*, centrado na difusão da cultura erudita e em uma concepção de público como mero fruitor da cultura (lembramos que a difusão e a fruição são momentos constituintes do sistema cultural concebido por Rubim, os quais sobrepujam aqui os demais). Com isso, as políticas culturais de democratização cultural desprezam o âmbito do “fazer” artístico, da produção da cultura pelo público, limitando-se à constituição de públicos aptos a consumi-la. Em última instância, trata-se da própria negação do conceito de cultura (entendida como elemento central do desenvolvimento do indivíduo), de sua diluição por uma política cultural autoritária, *impositiva* de determinados padrões culturais institucionalizados. Assim, para Botelho, o maior desafio que se põe às políticas culturais é sejam elas empreendidas pelo Estado ou por grupos organizados da sociedade civil, a articulação satisfatória entre o aspecto da formação de públicos e o da criação de produtores culturais, ambos momentos fundamentais do sistema cultural.

Abandonando a discussão acerca da relação entre política e cultura sem, no entanto, tê-la esgotado, passaremos à relação desta com o desenvolvimento. Seria de se estranhar se esta fosse menosprezada por pesquisadores interessados no estudo das políticas culturais na atualidade, marcada pela transversalidade da cultura. De fato, tal relação é alvo de vários dos artigos reunidos em *Teorias e Políticas da Cultura: visões multidisciplinares*. Tomemos, por exemplo, o texto “Cultura e Desarrollo: nuevos rumbos y más de lo mismo?”, no qual o autor afunila o olhar na relação entre cultura e desenvolvimento. Segundo ele, a cultura - primeiramente entendida como um obstáculo ao desenvolvimento [econômico], um freio de viés tradicionalista que impedia a incorporação de novos hábitos - passa a ser reconhecida como uma

dimensão essencial do mesmo, a qual, se relegada, implica no fracasso das políticas econômicas desenvolvimentistas. Tal passagem é acompanhada por uma virada histórica no discurso sobre o desenvolvimento, pela qual este deixa de referir-se exclusivamente aos processos econômicos para abarcar todas as dimensões da vida. Contudo, esta aparentemente significativa valorização da cultura não redunde, de acordo com nosso autor, em alterações práticas, pois “La cultura de ‘los otros’ sigue siendo entendida como um freno y el concepto de desarrollo no varía sustantivamente” (NUSSBAUMER, 2007, p.72).

Desta forma, salienta ainda Bayardo, convém desconfiarmos da repentina atenção que a cultura tem recebido. Caso contrário, podemos incorrer em erros, como o de tomar a instrumentalização da cultura para fins econômicos por uma real valorização da dimensão cultural. Ora, não faltam exemplos deste tipo, a começar pelo turismo religioso analisado por Zeny Rosendahl no artigo “Cultura, Turismo e Identidade”. Em contrapartida, afirma o autor, a cultura também não deve ser entendida como panacéia, como instância utópica contenedora da solução para todos os males. Ela constitui, sim, o âmbito do diverso, do singular e do *além-do-que-existe*. No entanto, fetichizada e tida como utopia, ela perde justamente o caráter que a define. Tendo-se em vista tal caráter, podemos falar da cultura, como já salientara Gisele Marchiori Nussbaumer, apenas no plural.

NUSSBAUMER, G. M. (Org.). **Teorias e políticas da cultura**: visões multidisciplinares. Salvador: EDUFBA, 2007. (Coleção Cult).